

# Boataria acaba provocando reajustes defensivos

LIANA MELO

A indústria nacional de boatos ainda não provocou no mercado o estrago que o cineasta americano Orson Welles causou quando radiofonizou, em 1938, uma adaptação da obra "Guerra dos Mundos", de H.G. Wells, para a estação CBS de Nova Jersey, criando um verdadeiro pânico entre os habitantes de Nova York, que estaria sendo invadida por marcianos. E que os boatos, por aqui, não se referem a nada de extraterreno. Pelo contrário: têm sempre um ar de verdade e são difundidos com um objetivo concreto — provocar altas artificiais no mercado financeiro. Mas seu impacto acaba tendo eco nas empresas.

— Como muitos boatos têm características de verdade, sempre nos prevenimos. Embutimos, sobretudo nas vendas a prazo, aumentos percentuais para evitar surpresas — confessa o membro do Conselho de Administração do grupo Cataguases-Leopoldina Marcelo Silveira Rocha, comentando que os boatos são os maiores responsáveis pelo aumento da inflação. Ele explica: como os fornecedores aumentam seus preços, o atacado repassa os reajustes ao varejo, que os transfere para o cliente.

Silveira acredita que a indústria de boatos veio mesmo para ficar. A instabilidade em que o País se encontra é o maior estímulo a esta fábrica de notícias falsas — algumas absurdas, ou-

tras, nem tanto. Ele não precisou qual o percentual de reajuste que a empresa repassa a seus clientes, disse apenas que quanto maior o prazo de pagamento mais alto são os reajustes de preços.

Já Rubens Branco, Sócio-Diretor da Arthur Andersen, acredita que muitos boatos acabam adiando decisões empresariais de curto prazo — nunca de longo prazo — mas a grande maioria das empresas defende-se mesmo é aplicando reajustes preventivos.

— É uma forma de se proteger, ainda mais que vivemos num ambiente pouco confiável — completou Marcelo Silveira, dizendo que quanto maior o desgaste do Governo mais rentável

fica a indústria do boato. É que, segundo ele, a simples tentativa de o Governo de desmentir a notícia, acaba criando mais insegurança.

Marcelo Silveira e Rubens Branco concordam em que os boatos acabam gerando uma espécie de neurose coletiva. E como a desinformação é geral, todos tendem a passar adiante os boatos, sem questioná-los.

Rubens Branco, por exemplo, ficou tão influenciado por esta indústria de boatos que acelerou alguns planos pessoais: tinha escolhido o fundão como opção de investimento, mas a onda de boatos acabou empurrando-o para os ativos fixos. Ele comprou um telefone móvel: "me sinto mais protegido da inflação, mesmo sem nenhuma liquidez".